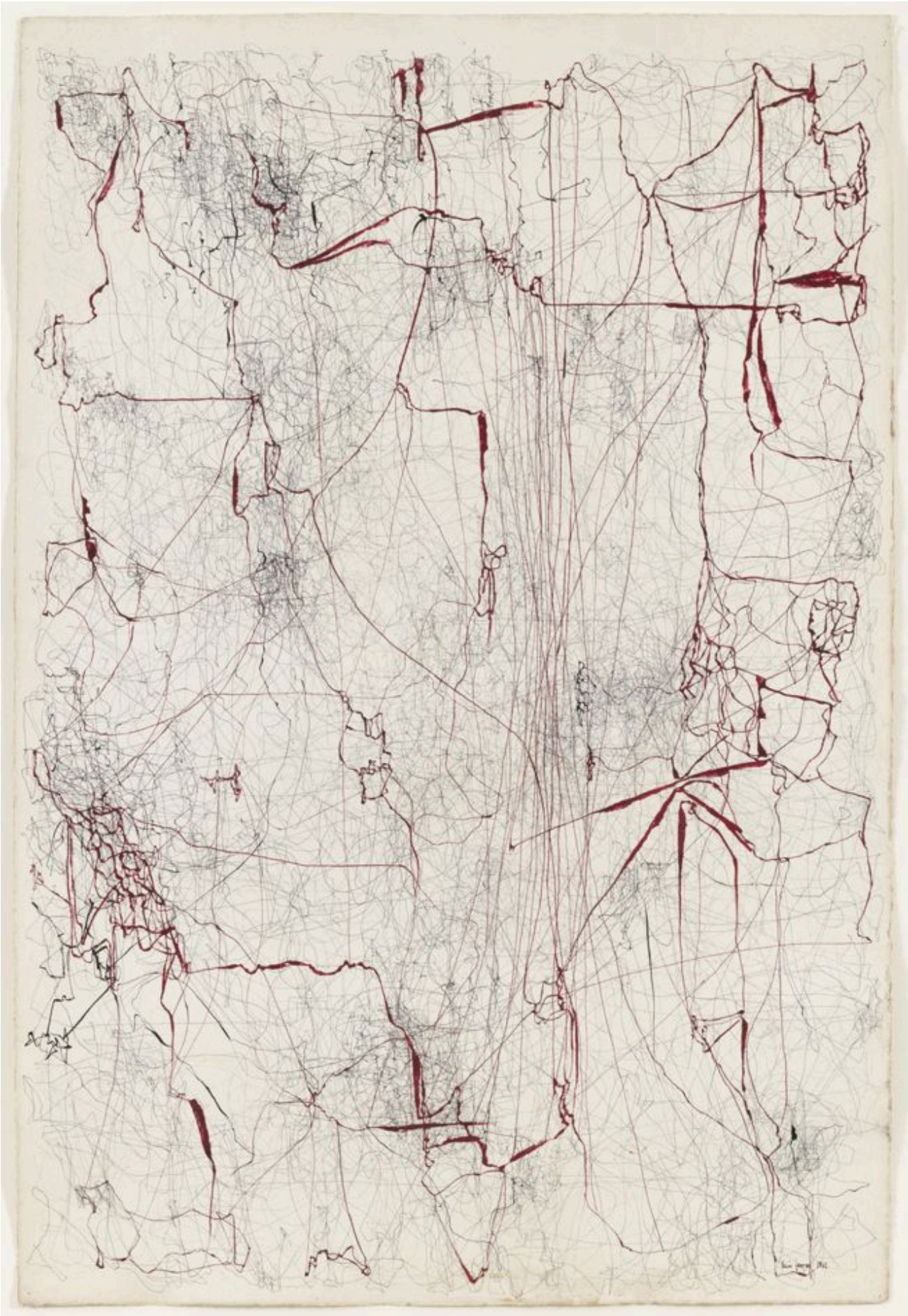


Vivemos a situação mais perigosa que a humanidade já enfrentou | Carta Semanal 40 (2022)



León Ferrari (Argentina), *Sem título (Sermão de Sangue)*, 1962..

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Desde 1947, o **Relógio do Fim do Mundo** mede a probabilidade de uma catástrofe de origem humana, mais precisamente, advertir o mundo contra a possibilidade de um holocausto nuclear.

O Boletim dos Cientistas Atômicos, que observam esse relógio, originalmente fixou o dispositivo em sete minutos para a meia-noite, sendo a meia-noite, essencialmente, o fim do mundo. O mais distante que o relógio esteve da meia-noite foi em 1991, quando foi **colocado em 17 minutos para a meia-noite**. O mais próximo da meia-noite que o relógio já esteve é agora. Desde 2020, o relógio tem **estado** à “beira do fim do mundo” – 100 segundos para a meia-noite. O que motivou esse cenário alarmante foi a **retirada** dos Estados Unidos do **Tratado das Forças Nucleares Intermediárias** em 2019. Esta é a “situação mais perigosa que a humanidade tem enfrentado”, **disse** a ex-presidente da Irlanda e ex-Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Mary Robinson.

Para contribuir com o diálogo sobre esta “situação mais perigosa”, o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social lançou uma nova série de textos chamada *Estudos sobre Dilemas Contemporâneos*. Esses dilemas incluem as questões prementes da catástrofe climática e ambiental, o desperdício dos gastos militares, os perigos da guerra, e o aprofundamento da sensação de desespero e individualismo. As soluções para esses dilemas não estão além de nossa capacidade de resolução; nosso planeta contém os recursos necessários para enfrentá-los. Não nos faltam ideias ou recursos; o problema é que nos falta o poder político. Elementos das políticas necessárias no mundo estão em âmbar dentro da Carta das Nações Unidas há décadas, ignorados por aqueles que acumulam poder, privilégio e propriedade. Nossos *Estudos sobre Dilemas Contemporâneos* têm o objetivo de estimular debates em torno das grandes questões de nosso tempo, com a esperança de que essas discussões galvanizem as forças sociais para evitar o dia do juízo final iminente.



Takano Aya (Japão), Quarto de Dun Huang, 2006.

O primeiro **estudo** dessa série, produzida em colaboração com **Monthly Review** e **No Cold War**, se intitula *Os Estados Unidos em busca de uma Nova Guerra Fria: uma perspectiva socialista*. Os ensaios deste texto fornecem uma avaliação detalhada da política dos Estados Unidos, que visa manter seu controle sobre o sistema internacional, inclusive por meio de sua busca pela primazia nuclear e a disposição de lançar até mesmo uma “guerra nuclear limitada” para atingir seus fins. A **simulação** da guerra nuclear conduzida pela Universidade de Princeton em 2020 mostrou que se mesmo um ataque tático for feito por qualquer potência nuclear, o resultado pode ser a morte imediata de 91,5 milhões de pessoas; “mortes por precipitação nuclear e outros efeitos a longo prazo aumentariam significativamente esta estimativa”, escreveram os pesquisadores.

Em nosso estudo, John Bellamy Foster, editor da *Monthly Review*, escreve: “Assim como as implicações destrutivas da mudança climática que ameaçam a própria existência da humanidade são negadas em grande parte pelas potências, os efeitos planetários completos da guerra nuclear também são negados, ainda que as evidências científicas sobre o inverno nuclear demonstrem que ele efetivamente aniquilará a população de todos os continentes da Terra”. Nossos apelos pela paz, portanto, devem ser tão poderosos quanto nossos apelos para salvar o planeta da catástrofe climática.



Dia Al-Azzawi (Iraque), Ijlal li Iraq ("Homenagem ao Iraque"), 1981.

Na sequência dos ataques nucleares estadunidenses a Hiroshima e Nagasaki em 1945, o Conselho de Paz Mundial **emitiu** o Apelo de Estocolmo:

|

Exigimos a ilegalização das armas atômicas como instrumentos de intimidação e assassinato em massa de povos. Exigimos um rigoroso controle internacional para aplicar esta medida. Acreditamos que qualquer governo que primeiro utilize armas atômicas contra qualquer outro país estará cometendo um crime contra a humanidade e deve ser tratado como um criminoso de guerra. Apelamos a todos os homens e mulheres de boa vontade em todo o mundo para que assinem este apelo.

Em duas semanas, 1,5 milhões de pessoas tinham **assinado** o documento.

Em 1947, o hibakusha (os sobreviventes do ataque nuclear) e o então prefeito de Hiroshima, Shinzo Hamai, iniciaram o Dia de Hiroshima, que desde então se tornou uma cerimônia anual em 6 de agosto. O Sino da Paz no Museu e Parque Memorial da Paz de Hiroshima toca às 8h15, no exato momento em que a bomba explodiu, e guindastes e lanternas de papel flutuam na água perto da Cúpula Genbaku, o único prédio que restou de pé da carnificina. A importância e a vitalidade do Dia de Hiroshima agora murchou. É imperativo reavivar tal dia como parte do processo de **resgate da vida coletiva**.



Nosso segundo estudo desta série começou a tomar forma um mês após a guerra na Ucrânia, quando o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social iniciou uma conversa com Jeremy Corbyn, membro do Parlamento britânico e ex-líder do Partido Trabalhista britânico, e sua equipe no Projeto Paz e Justiça. Sentimos que havia uma necessidade urgente de estimular o movimento de paz com uma discussão sobre as várias catástrofes que tinham começado a se espalhar para fora da Ucrânia, incluindo a inflação galopante que está fora de controle. Convidamos uma série de escritores do Brasil ao Reino Unido, passando pela África do Sul e Índia, para refletir sobre a crise imediata através do conceito vital de não-alinhamento, que nasceu nas lutas anticoloniais do século 20 e institucionalizado no Movimento dos Não-Alinhados (1961). Estes ensaios – produzidos em colaboração com *Morning Star*, *Globetrotter* e o Projeto Paz e Justiça – foram agora

publicados com o nome *Em direção ao horizonte da paz e do não alinhamento*.

Em sua contribuição, Corbyn reflete sobre a ideia de paz em nosso tempo:

Alguns dizem que discutir a paz em tempos de guerra é sinal de algum tipo de fraqueza; a verdade é justamente o oposto. É a bravura dos manifestantes pela paz em todo o mundo que impediu alguns governos de se envolverem no Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, Iêmen ou qualquer uma das dezenas de outros conflitos em andamento.

A paz não é apenas a ausência de guerra; é a verdadeira segurança. A segurança de saber que você poderá comer, seus filhos serão educados e cuidados e que um serviço de saúde estará lá quando você precisar. Para milhões, isso não é uma realidade agora; os efeitos posteriores da guerra na Ucrânia tirarão isso de outros milhões de pessoas.

Enquanto isso, muitos países estão aumentando os gastos com armas e investindo recursos em armamentos cada vez mais perigosos. Os Estados Unidos acabam de aprovar seu maior orçamento de defesa de todos os tempos. Esses recursos usados para armas são todos os recursos não usados para saúde, educação, habitação ou proteção ambiental.

Este é um momento perigoso. Observar o horror se desenrolar e se preparar para mais conflitos no futuro não garantirá que a crise climática, a crise da pobreza ou o suprimento de alimentos sejam resolvidos. Cabe a todos nós construir e apoiar movimentos que possam traçar outro rumo para a paz, segurança e justiça para todos.

Uma declaração tão clara para um mundo de paz é o antídoto que precisamos para enfrentar o que Mary Robinson nos advertiu ser a “situação mais perigosa que a humanidade já enfrentou”.



Nas linhas laterais da Assembleia Geral das Nações Unidas, 19 Estados membros do Grupo de Amigos em Defesa da Carta das Nações Unidas reuniram-se para **discutir** a necessidade de fortalecer o multilateralismo para “forjar soluções coletivas, inclusivas e eficazes para os desafios e ameaças comuns do século 21”. Coletivo e comum: essas devem ser nossas palavras-chave. Menos divisão, mais coletividade; menos construção para a guerra e mais construção para a paz.

A linguagem do Grupo de Amigos está na linhagem do Movimento dos Não-Alinhados e da Conferência Afro-Asiática, realizada em Bandung, Indonésia, em 1955. Enquanto os líderes dos novos Estados pós-coloniais se reuniam em Bandung para falar sobre não-alinhamento e paz, o poeta socialista malaio Usman

Awang (1929-2001) escreveu Bunga Popi (“Papoulas”), um poema sobre a fealdade da guerra:

Do sangue, do pus que apodrece no solo,
de esqueletos que perderam suas vidas,
arrancadas por armas,
o resultado de maníacos de guerra que matam o amor,
as flores vermelhas florescem lindamente,
pedindo para ser adoradas.

Cordialmente,

Vijay.